



## Publicação

Expediente

Bibliografia

Gráficos

Novembro, 2004 Ano 1 Número 11

retorna

## Malária em São Paulo

Divisão de Zoonoses

Centro de Vigilância Epidemiológica "Professor Alexandre Vranjac" – CVE/SES-SP

A malária já era bem conhecida nos tempos de Hipócrates. Seu impacto na saúde coletiva da região amazônica é inegável. No entanto, em Estados não pertencentes à Amazônia Legal, onde ela é freqüente, a doença não faz parte da rotina dos médicos no que diz respeito ao diagnóstico diferencial. O que é visto também no Estado de São Paulo.

O esquecimento não é injustificado. De fato, o número de casos de malária diagnosticados no Estado caiu de 1.798 em 1990 para 242 em 2003. Desde 1997 observa-se notificação inferior a 300 casos/ano. Entretanto, dois aspectos dessa doença exigem nossa atenção: as rotas de transporte e comércio, que determinam afluxo constante de indivíduos procedentes de áreas de alta endemicidade da doença, sendo responsável por cerca de 85% dos casos anuais.

Os indivíduos que adoecem buscam atendimento em centros de saúde e pronto-socorros. Alguns casos (malária por *Plasmodium falciparum*) podem ser graves e o retardo do diagnóstico ou tratamento inadequado representam risco de vida. Um segundo aspecto é a ocorrência de pequeno número de casos autóctones. Focos de malária têm sido identificados no Litoral Norte, Grande São Paulo e Vale do Ribeira.

O agente etiológico da malária autóctone em São Paulo é o *Plasmodium vivax*, com apresentação clínica freqüentemente oligossintomática. A Superintendência de Controle de Endemias (Sucen) realiza ações de identificação de focos autóctones e medidas seletivas de controle de vetores.

A abordagem da malária sofreu modificações recentemente. Seguindo tendência mundial, abandonou-se a meta de erradicação da doença. Os novos objetivos priorizam a atenção aos doentes, para redução de gravidade e letalidade, por meio de uma ampla oferta de serviços para diagnóstico e tratamento.

O desafio de São Paulo consiste na construção de modelos eficientes de assistência à malária por *P. vivax*, de baixa incidência no Estado, que atenda também à malária por *P. falciparum*, casos importados, entretanto potencialmente grave. Dois componentes são necessários a esse modelo: manter índices adequados de suspeição e montar sistema de referência.

Até 2003, a Secretaria da Saúde de São Paulo centralizava a tecnologia para diagnóstico e tratamento da malária. A reavaliação da situação epidemiológica trouxe uma nova abordagem. Foram designados hospitais de referência nas diversas regiões do Estado, médicos e profissionais de laboratório foram capacitados para o diagnóstico clínico e condutas terapêuticas e para a identificação do agente, respectivamente.

Em relação a outro componente, a suspeição, sua importância justifica o lembrete: “A malária em São Paulo é algo mais do que a recordação de velhos compêndios de parasitologia”.

Assim, definiram-se 14 serviços de referência que atendem os pré-requisitos mínimos quanto à estrutura, recursos físicos e humanos, e estão inseridos em um contexto geoespacial que permite fácil acesso para adequado atendimento dos casos suspeitos da doença, como mostra o mapa a seguir.

Figura 1  
Localização dos serviços de referência para malária



Fonte: CVE

Todo caso suspeito de malária deverá ser encaminhado ao hospital de referência mais próximo da residência do paciente, dando início ao processo de diagnóstico, conduta terapêutica adequada, investigação e controle do foco, nos casos autóctones.

Dessa forma, poderemos descentralizar o atendimento e disseminar aos profissionais de saúde informações de como lidar com a malária, sem perder a qualidade de atendimento ao paciente, o que a Sucen garantiu de forma correta por tantos anos.

Referências para o diagnóstico e tratamento  
do paciente com malária segundo regionais de atendimento

Municípios	Regionais de abrangência	Hospitais de Referência	Telefone e Horário de Atendimento
São Paulo	DIR I capital DIR II Sto André DIR III Mogi das Cruzes	Hospital das Clínicas (FMUSP)	(11) 3069-6392 - 8 às 16h (11) 3069-6226 - após 16h atendimento 24h
	DIR IV F. Da Rocha DIR V Osasco	Inst.de Infectologia Emilio Ribas	(11) 3896-1200 atendimento 24h
S.José do Rio Preto	DIR XXII S. J. Rio Preto DIR VI Araçatuba	Hosp.de Base da Faculdade de Medicina de S.José do Rio Preto	(17)210-5000 - ramal 1423 atendimento 24 h
Catanduva	DIR XXII S. J. Rio Preto	Lab.Hospital Padre Albino	(17) 3531-3026 - ramal 3031 atendimento 24h
Ribeirão Preto	DIR VII Araraquara DIR IX Barretos DIR XIII Franca DIR XVIII Rib. Preto	Hosp.da Clínicas de Ribeirão Preto	(16)602-1166 2ª as 6ª feiras 7às 21h finais de semana 10 às 16h
Campinas	DIR XII Campinas DIR XV Piracicaba DIR XX S. J. Boa Vista	Unicamp	(19)3788-8770 atendimento 24 h
Bauru	DIR X Bauru	Hospital Regional de Bauru	(14) 3103-7777 Ramais 3263/ 3565 atendimento 24h
Marília	DIR VIII Assis DIR XIV Marília	Hospital das Clínicas de Marília	(14) 3402-1717 atendimento 24 h
Presidente Prudente	DIR XVI Pres. Prudente	Santa Casa de Presidente Prudente	(18)2101-8000 atendimento 24h
São José dos Campos	DIR XXI S. J. Campos DIR XXIV Taubaté	Hospital Municipal S.José dos Campos	(12) 3901-3512 / 3901-3400 atendimento 24h
Botucatu*	DIR XI Botucatu	Hosp. Universitário De Botucatu	Em implantação
Pariquera-Açu	DIR XVII Registro	Hosp.Regional do Vale do Ribeira	(13) 3856-9600 - ramal 674 atendimento 24h
Santos	DIR XIX Santos	Hospital Guilherme Álvaro	(13)3202-1300 - ramal 1440 atendimento 24 h
Sorocaba*	DIR XXIII Sorocaba	Conj.Hospitalar de Sorocaba	Em implantação

\* em implantação

---

Agência Paulista de Controle de Doenças

Bepa - Av. Dr. Arnaldo, 351 - 12º andar, s. 1.218  
Tels.: (11) 3066-8823 / 3066-8824  
e-mail: [bepa-agencia@saude.sp.gov.br](mailto:bepa-agencia@saude.sp.gov.br)